



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 18/06/2021 a 24/06/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
18/06/2021	13,96	373,40	58,12	6,62	6,55
21/06/2021	14,15	373,10	60,33	6,61	6,59
22/06/2021	13,94	363,30	60,67	6,51	6,59
23/06/2021	13,85	354,20	62,13	6,61	6,64
24/06/2021	13,71	345,80	62,70	6,51	6,53
Média	13,92	361,96	60,79	6,57	6,58

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	139,00	
RS – Não Me Toque	139,00	
RS – Londrina	139,00	
PR – Cascavel	140,00	
MT – C.N.Parecis	137,00	
MS – Maracaju	135,00	
GO - Rio Verde	140,00	
BA – L.E.Magalhães	138,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	85,00	CIF
Porto de Paranaguá	78,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	77,00	
SC – Rio do Sul	83,00	
PR – Cascavel	73,00	
PR – Londrina	73,00	
MT – C.N.Parecis	73,00	
MS – Maracaju	78,00	
SP – Itapetininga	86,00	
SP – Campinas	90,00	CIF
GO – Rio Verde	69,00	
GO – Jataí	69,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	76,00	
RS – Não Me Toque	76,00	
PR – Londrina	74,00	
PR – Cascavel	76,00	

Período: 23/06/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 24/06/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	79,67	142,00	77,46

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
24/06/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	74,17
Feijão (saco 60 Kg)	261,18
Sorgo (saco 60 Kg)	63,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,08
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,94**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,93

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, após o estouro da bolha especulativa no dia 17/06, ensaiaram uma recuperação nos dias seguintes, porém, a mesma encontrou um fôlego limitado. O retorno das chuvas sobre as regiões produtoras estadunidenses, e o menor interesse dos Fundos pelo lado comprador, seguraram o bushel em patamares que talvez venham a ser os normais daqui em diante. Assim, a soja fechou esta quinta-feira (24) em US\$ 13,71/bushel, contra US\$ 13,29 uma semana antes e após ter subido para US\$ 14,15 na segunda-feira da corrente semana. A notar que o farelo de soja continuou recuando, tendo batido em US\$ 345,80/tonelada curta durante a semana, sua mais baixa cotação desde o dia 05 de outubro de 2020, enquanto o óleo registrou uma recuperação importante sobre as baixas da semana anterior, atingindo a 62,70 centavos por libra-peso no dia 24/06, voltando aos patamares anteriores ao estouro da bolha.

Dito isso, o plantio da soja nos EUA, até o dia 20/06, chegava a 97% da área total esperada, contra 94% na média histórica para esta data. Igualmente, 91% das lavouras havia germinado, enquanto as condições das lavouras diminuía de qualidade, com 60% das mesmas entre boas a excelentes, 31% regulares e 9% entre ruins a muito ruins.

Confirmando o caráter especulativo de Chicago anteriormente, mesmo com a perda de qualidade das lavouras e a retomada das compras chinesas, puxadas nesta semana pela baixa dos preços, o mercado da soja perde força. De fato, depois de oito semanas ausente, a China adquiriu 670.000 toneladas dos EUA, relativas a esta futura safra 2021/22. Apesar da forte queda nas cotações, as margens de esmagamento na China continuam ruins, fato que levou os importadores locais a comprarem a soja visando recomposição de estoques e não exatamente por necessidade. Assim, até agosto inclusive a China ainda tende a priorizar a soja brasileira.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que nos primeiros cinco meses deste ano a China importou 38,24 milhões de toneladas, ou seja, 13% acima do comprado no mesmo período do ano passado. E isso ocorre mesmo com as margens dos suinocultores chineses estarem também muito ruins, já que o preço local da carne suína teria recuado 60% neste ano. Isso estaria levando os criadores a abaterem animais novos e descartando matrizes menos produtivas, o que leva a menos consumo de farelo de soja. Mesmo assim, o plantel suínico chinês cresceu 24% nos primeiros cinco meses do corrente ano, quase recuperando o total perdido em 2018/19 por ocasião da peste suína africana que por lá se abateu. (cf. Bloomberg)

Na prática, o mercado consumidor de soja mundo afora, liderado pela China, vinha reagindo fortemente contra as altas especulativas de Chicago nos últimos meses. Esta reação, somada a outros fatores já comentados, acabou surtindo efeito e os preços recuaram fortemente de uma semana para cá. Assim, a China voltou ao mercado da soja estadunidense. Além disso, a partir de setembro, com o início da colheita nos EUA, a soja norte-americana fica mais barata do que a brasileira (os prêmios por aqui sobem em nossa entressafra) e a China deverá se deslocar com mais intensidade para o mercado estadunidense.

Dito isso, na semana encerrada em 17 de junho os EUA embarcaram apenas 175.359 mil toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o ano comercial, até o momento, os embarques estadunidenses de soja chegam a 57 milhões de toneladas, 56% a mais do que há um ano.

Enfim, além do forte ajuste técnico, conta para este movimento de baixa em Chicago o fato de o clima estar normal nas regiões produtoras estadunidenses, com novas chuvas. Soma-se a isso a expectativa pelo relatório de plantio efetivo nos EUA, o qual será divulgado neste próximo dia 30/06. Muitos analistas esperam que a área de soja venha um pouco maior do que o indicado na intenção de plantio, em março.

Aqui no Brasil, diante do ocorrido em Chicago, e de um câmbio que voltou a ficar abaixo de R\$ 5,00 por dólar (R\$ 4,96 no dia 22/06), depois de um ano acima desta marca, além de prêmios já positivos, porém, bastante baixos em muitos portos, o preço interno despencou igualmente. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 142,00/saco, perdendo R\$ 14,85/saco em relação à média da semana passada. Nas demais praças nacionais, o saco de soja oscilou entre R\$ 135,00 e R\$ 140,00/saco.

Por outro lado, a China continuou importando muita soja do Brasil. Em maio, tais importações subiram 82% em relação a abril. O total em maio chegou a 9,23 milhões de toneladas, contra 5,08 milhões em abril e contra 8,86 milhões de toneladas realizadas em maio de 2020. Ao mesmo tempo, a China comprou apenas 244.431 toneladas de soja dos EUA em maio, com recuo de 50% em relação há um ano e 89% em relação a abril. Neste contexto, nos primeiros cinco meses do ano a China importou 15,66 milhões de toneladas de soja brasileira. Mesmo assim, um recuo de quase 7 milhões de toneladas se levarmos em consideração que no ano passado, na mesma época, as importações chinesas somaram 22,04 milhões de toneladas. Já a soja dos EUA foi comprada, entre janeiro e maio do corrente ano, por um total de 21,53 milhões de toneladas, mais do que dobrando o volume do mesmo período do ano anterior. Este volume estadunidense se deve a compras importantes feitas no início do ano, pois na sequência os chineses diminuíram sua participação, se deslocando ao mercado brasileiro, o qual chegou mais tarde neste ano devido ao atraso na colheita.

Quanto aos reais embarques brasileiros de soja, a média diária, na terceira semana de junho, atingiu a 582.000 toneladas, ficando abaixo da média de 606.740 toneladas do mesmo mês do ano passado. Até a terceira semana de junho do corrente ano o Brasil acumula vendas de 7,56 milhões de toneladas no mês, podendo chegar a 12,2 milhões de toneladas no total de junho caso a média diária permaneça.

Neste sentido, a Anec estima exportações ainda menores, ao redor de 11 milhões de toneladas em junho, revisando sua posição anterior. Para o farelo de soja a entidade projeta exportações de 2,04 milhões de toneladas no mês de junho, contra 1,39 milhão em junho de 2020.

Enquanto isso, a Datagro aponta para um aumento importante nas exportações brasileiras de soja para o ano de 2021. Os embarques totais do complexo soja somariam 106,5 milhões de toneladas, superando em 5% o volume total do ano passado. Seriam 87,5 milhões de toneladas de grãos de soja (+4,9% sobre o ano anterior); 18 milhões de farelo (+6,1%); e 1,05 milhão de toneladas de óleo de soja (-5,3%). A partir dos preços médios praticados no transcorrer do ano, em valor o

complexo soja resultará em exportações ao redor de US\$ 45,5 bilhões. Dependendo do que os demais setores obterão nas exportações deste ano, o complexo soja poderá participar com 20% do valor total exportado pelo Brasil em 2021. Para 2022 a consultoria avança uma projeção de exportação ao redor de 109,2 milhões de toneladas, com o grão podendo chegar a 90,5 milhões. Obviamente, tudo isso em condições climáticas normais.

Já a SECEX aponta que o Brasil exportou, nas três primeiras semanas de junho, um total de 7,56 milhões de toneladas de soja em grão, confirmando que o ritmo dos embarques diminuiu. Apesar dessa desaceleração, o acumulado de soja pelo Brasil em todo ano, está em 57,8 milhões de toneladas, contra 52,4 milhões do ano passado, neste mesmo período.

Vale ainda destacar que o Centro-Oeste iniciou seu período de vazio sanitário para a soja, visando conter a ferrugem asiática. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, o mesmo começou em 15 de junho e durará 90 dias. O período de plantio da nova safra de soja naquele Estado ocorre entre 16/09 e 31/12, sendo obrigatório o cadastro da área plantada.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, para o primeiro mês cotado, igualmente se recuperaram nesta semana, embora o recuo no dia 17/06 passado não tenha sido tão intenso. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (24) ficou em US\$ 6,53/bushel, contra US\$ 6,33 uma semana antes.

O mercado também está com as atenções voltadas para o relatório de plantio, o qual sairá no próximo dia 30/06.

Enquanto isso, os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 17/06, atingiram a 1,48 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Somando esse volume, o total embarcado pelos EUA, no atual ano comercial, soma 55,5 milhões de toneladas, ou seja, 73% acima do registrado no ano passado nesta época.

Já as condições das lavouras dos EUA atingiam a 65% entre boas a excelentes no dia 20/06. Outras 29% estavam regulares e apenas 6% ruins a muito ruins.

Por sua vez, na Argentina o Ministério da Agricultura local informou que a colheita de milho avança, atingindo a 58% da área total no dia 17/06, porém, está 20 pontos percentuais atrasada em relação ao ano passado. O rendimento médio atual estaria em 124,5 sacos/hectare, fato que elevou a estimativa final de safra para 59 milhões de toneladas. No ano anterior a produção final havia sido de 58,5 milhões de toneladas. Assim, para 2021/22 o consumo industrial de milho na Argentina será de 3,85 milhões de toneladas, enquanto outras 17,5 milhões irão para consumo animal e outras 36,5 milhões para exportações, resultando assim em um estoque final de 7,03 milhões de toneladas.

Aqui no Brasil os preços do milho também recuaram sensivelmente, diante do início da colheita da segunda safra, se estabelecendo em níveis praticados há três meses e meio atrás. A média gaúcha caiu para R\$ 79,67/saco, contra R\$ 85,53 uma semana antes. Nas demais praças nacionais o cereal oscilou entre R\$ 69,00 e R\$ 86,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) recuou para R\$ 90,00/saco. Já na B3 o contrato julho iniciou o pregão da quinta-feira (24) em R\$ 81,49, setembro a R\$ 81,67, novembro em R\$ 83,03 e janeiro/22 em R\$ 85,50/saco.

Além da entrada da chamada safrinha, mesmo que lentamente, os compradores se retraem esperando preços mais baixos. Ao mesmo tempo, a revalorização do Real (R\$ 4,96 em alguns momentos da semana) não estimula as exportações, segurando mais milho no mercado interno. Em paralelo, os vendedores, assustados com o recuo do preço, tentam vender estoques que sobraram da safra anterior ou ainda da safra de verão, pressionando ainda mais o mercado.

Dito isso, os problemas climáticos da segunda safra provocam revisão semanal do volume final que terá o Brasil. Assim, em nova revisão, o setor privado calcula uma safra final brasileira de milho ao redor de 93,9 milhões de toneladas, ficando 8,4% abaixo do colhido no ano passado segundo suas bases de comparação. Ainda em abril o setor esperava uma safra final acima de 107 milhões de toneladas, com os mais otimistas chegando a apontar 112 milhões. A segunda safra do cereal, que chegou a ser estimada em 84 milhões de toneladas, agora está em 70,8 milhões. Assim, as exportações brasileiras de milho, neste ano, deverão ficar entre 20 e 25 milhões de toneladas. Já o consumo interno de milho deverá chegar a 74 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado e Céleres)

Mesmo assim, os preços internos, neste momento, estão em baixa. Além da pressão da colheita, deve-se considerar a liberação de importação sem imposto, para países de fora do Mercosul, incluindo milho transgênico dos EUA. Nestas condições, e diante da péssima e custosa logística que o Brasil possui, já há algumas semanas está mais barato, para o Nordeste brasileiro, trazer milho dos EUA do que do Mato Grosso ou do oeste da Bahia.

Por outro lado, no Mato Grosso, a colheita da segunda safra chegava a 4% da área no início da presente semana, com atraso de quase 12 pontos percentuais em relação a média histórica. (cf. Imea)

No Paraná, a colheita permanece em 1% da área, com a qualidade das lavouras melhorando um pouco, sendo que 26% estavam em boas condições no início da semana, contra 41% regulares e 33% ruins. Em maturação havia cerca de 24% das lavouras paranaenses. (cf. Deral) Já em Goiás, o preço do milho recuou R\$ 10,63/saco no final da semana anterior na comparação com uma semana antes. A colheita começou muito lentamente, com as lavouras irrigadas atingindo a 150 sacos/hectare, enquanto as de sequeiro ficam em 70 sacos. (cf. Ifag)

Por sua vez, conforme a Famasul, no Mato Grosso do Sul, a produtividade média final da segunda safra está calculada, agora, em 68,7 sacos/hectare, contra 75 sacos em estimativa anterior. Desta forma, a produção final local está agora estimada em 8,2 milhões de toneladas, com um recuo ao redor de 800.000 toneladas sobre as estimativas anteriores. Apenas 6% das lavouras estão em bom estado naquele Estado.

Enfim, segundo a Secex, nos primeiros 13 dias úteis de junho o Brasil exportou 2.116 toneladas de milho, sendo esse volume apenas 0,67% do que foi exportado em todo o mês de junho de 2020. A média diária de embarques soma 162,8 toneladas, ou seja, 75,4% menor do que a média do mês anterior e 98,9% menor do que a média diária de junho de 2020.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, para o primeiro mês, em Chicago, após recuarem no dia 17/06, puxadas pelo tomo da soja, voltaram aos seus patamares anteriores nesta semana, com o fechamento desta quinta-feira (24) ficando em US\$ 6,51/bushel, contra US\$ 6,39 uma semana antes.

A colheita do trigo de inverno nos EUA atingiu a 17% da área no dia 20/06, contra 26% na média histórica. Já as condições das lavouras que restavam colher estavam em 49% entre boas a excelentes, 31% regulares e 20% entre ruins a muito ruins. Por sua vez, o trigo de primavera apresentava 27% das lavouras entre boas a excelentes, 36% regulares e 37% entre ruins a muito ruins.

Enquanto isso, as exportações estadunidenses de trigo somaram 548.578 toneladas na semana encerrada em 17/06, ficando o volume acima do esperado pelo mercado. Com isso, no atual ano comercial iniciado em 1º de junho, o total exportado alcança 1,24 milhão de toneladas, ficando 16% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil os preços do trigo igualmente recuaram, na esteira da soja e do milho. O recuo dos preços internacionais; a revalorização do Real, que permite importar mais barato; e o desenvolvimento adequado da atual safra nacional estão no centro de tal baixa igualmente. Assim mesmo, a demanda nacional pelo cereal não se mostra aquecida.

A média gaúcha fechou a semana em R\$ 77,46/saco, contra R\$ 82,39 na semana passada. No Paraná, os preços oscilaram entre R\$ 74,00 e R\$ 76,00/saco, contra R\$ 80,00 e R\$ 81,00 na semana anterior.

Neste contexto, a Emater/RS divulgou nesta semana que a safra de trigo gaúcha, neste ano, crescerá 37,8% em relação a parcialmente frustrada safra passada. Mesmo partindo de uma comparação mais baixa do que o normal, o crescimento é importante. A área semeada seria de 1,08 milhão de hectares (13,3% sobre o ano anterior), fato que gerará uma produção final, em clima normal, de 2,89 milhões de toneladas.

Quanto as importações nacionais de trigo, em maio passado o país aumentou em 26,3% as mesmas, atingindo a 591.000 toneladas no mês, representando também um crescimento de 37,2% sobre a média mensal histórica.

Enfim, a título de complemento, a Conab indicou que neste momento a região Sul brasileira é responsável por 88% da área de produção do trigo nacional. A expectativa é que em 2021 os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina produzam

sobre um total ao redor de 2,3 milhões de hectares. Já o principal centro de consumo do Brasil é a região Sudeste, com 42,3% do total, seguido do Nordeste (22,5%), Sul (19,4%), Norte (10,3%) e Centro-Oeste (5,5%). A estimativa para esta safra é uma produção nacional de 6,7 bilhões de toneladas de trigo.